



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

NATALLY VITÓRIA RUFINO DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DIDÁTICA PEDAGÓGICA E PSICOLÓGICA SOBRE A
TRANSIÇÃO DO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II**

**GUARABIRA
2025**

NATALLY VITÓRIA RUFINO DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DIDÁTICA PEDAGÓGICA E PSICOLÓGICA SOBRE A
TRANSIÇÃO DO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado a/ao Coordenação/Departamento
do Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciatura em
Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da
Educação e Formação Docente.

Orientador: Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira

**GUARABIRA
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729a Souza, Natally Vitoria Rufino de.
Uma análise didática pedagógica e psicológica sobre a transição do fundamental I para o fundamental II [manuscrito] / Natally Vitoria Rufino de Souza. - 2025.
40 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira, Departamento de Educação - CH".

1. Transição. 2. Afetividade. 3. Ludicidade. 4. Adolescência.
I. Título

21. ed. CDD 370

NATALLY VITORIA RUFINO DE SOUZA

UMA ANÁLISE DIDÁTICA PEDAGÓGICA E PSICOLÓGICA SOBRE A
TRANSIÇÃO DO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia

Aprovada em: 28/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Vital Araújo Barbosa de Oliveira** (***.818.274-**), em 07/06/2025 19:42:12 com chave a741be0a43f011f0940406adb0a3afce.
- **Monica de Fatima Guedes de Oliveira** (***.158.044-**), em 07/06/2025 19:57:39 com chave d007ab2243f211f0844f06adb0a3afce.
- **Marília Pereira Dutra** (***.795.954-**), em 09/06/2025 12:34:17 com chave 344c13e8454711f08d0a2618257239a1.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 09/06/2025

Código de Autenticação: e04d29



Este, dedico ao meu futuro eu, que não desistiu em nenhum dos tantos obstáculos que apareceram nessa árdua caminhada. Anseio pelos frutos que colherei e sou grata pela resistência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, quero expressar aqui minha eterna gratidão a Deus. Ele que não me desamparou em nenhum momento se quer, que me fez persistente diante de tantas adversidades. Que me acolheu e me consolou em seus braços para que eu pudesse me renovar e prosseguir. Sem Ele, eu nada seria. Sem esquecer, da sua mãe, que também é minha. Minha Maria, que sempre intercedeu a mim para seu filho e me guardou em seu manto, te agradeço imensamente, Nossa Senhora Aparecida.

Externo aqui minha gratidão a minha mãe, Ana Paula, que mesmo sem entender tantas coisas sempre se fez presente. Sua garra é minha inspiração. Obrigada pelo cuidado, carinho e confiança. Obrigada pela herança de valores que não se compram, honestidade, caráter e sinceridade são os princípios que me fizeram chegar até aqui.

A minha família que se fez presente e honrou com seu papel, que escutou tantas reclamações, que deu palavras de incentivos e se alegrou com minhas conquistas. Essa vitória também é de vocês. Afinal, de tantos, eu sou a primeira graduanda em Universidade Pública, mérito meu e de todos que me apoiaram.

Gratidão as minhas amigas que foram casa, se fazendo sempre presente. As meninas do ap 202, que dividiram uma vida comigo ao longo dos dois anos que moramos juntas, essencial para o meu crescimento e sempre guardadas em minha memória. E a todos os amigos que fizeram parte da minha vida, sintam meu abraço.

As meninas que terminam comigo esse percurso de quatro anos, tantas vivências com vocês e todas muito especiais. Adriana, que é um ser humano gigante, uma mãezona, de sorriso largo cheio de alegria, mas está sempre pronta para me irritar. Mavi, que é meiga e está sempre disposta a ajudar, mas a paciência é curta, grande é o amor que ela tem. Geovania que é minha parceira, seu jeito é único, alegre e bondoso. Só precisa me escutar mais. Vocês são incríveis e deixaram a caminhada mais leve.

Por fim, a todos os meus professores, que fazem parte de todo esse processo contribuindo com seus conhecimentos e experiências. Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr, Vital, por toda paciência, troca de saberes e zelo em toda a orientação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – gênero.....	21
Gráfico 2 – Idade	22
Gráfico 3 – Cidade	23
Gráfico 4 – Como você se sente com as novas disciplinas e a quantidade de professores que você passou a ter esse ano?	24
Gráfico 5 - Falta vínculo afetivo entre você e os professores?.....	25
Gráfico 6 – Você se sente preparado para essa nova fase da Educação Básica?.....	26
Gráfico 7 - Essa mudança interferiu no seu processo de aprendizagem?.....	27
Gráfico 8 – Se houve, positiva ou negativamente?.....	28
Gráfico 9 - Você tem apoio familiar para passar por essa nova etapa na sua Educação?	29
Gráfico 10 – É levado em consideração por parte dos professores, família ou quaisquer outros, a fase que você está passando? Isso implica dizer, você está sendo ouvido e acolhido por eles?	30
Gráfico 11 – Você se sente bem psicologicamente?	31
Gráfico 12 – As brincadeiras, metodologias e abordagens são as mesmas do fundamental I?	32
Gráfico 13 - Você foi informado sobre as mudanças que ocorreram?	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ONU - Organização das Nações Unidas

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	ASPECTOS DA TRANSIÇÃO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II.	12
2.2	ADAPTAÇÃO DE ROTINA, ESPAÇO E DISCIPLINAS	14
2.3	PLURIDOCÊNCIA E AFETIVIDADE, FAMÍLIA E SAÚDE MENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO.	16
3	METODOLOGIA	19
3.1	TIPO DE PESQUISA	19
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	38

UMA ANÁLISE DIDÁTICA PEDAGÓGICA E PSICOLÓGICA SOBRE A TRANSIÇÃO DO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II.

A PEDAGOGICAL AND PSYCHOLOGICAL DIDACTIC ANALYSIS ON THE TRANSITION FROM ELEMENTARY I TO ELEMENTARY II.

Natally Vitória Rufino de Souza

RESUMO

Este estudo analisa a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, com foco nas dimensões didática, pedagógica e psicológica. A pesquisa, realizada por meio de questionários aplicados a estudantes, revela que a maioria dos alunos, com idades entre 11 e 12 anos, enfrenta desafios nessa fase de transição. Entre as principais dificuldades destacam-se a diminuição do uso de atividades lúdicas (59%) e a falta de afetividade nas relações com os professores (62%). Tais aspectos impactam negativamente tanto a adaptação escolar quanto o bem-estar emocional dos estudantes. Com base nas teorias de Piaget, Vygotsky e outros autores que perduram durante o texto, o trabalho destaca a importância de práticas pedagógicas que promovam acolhimento, escuta e vínculo afetivo. Além disso, sugere que futuros estudos sobre o tema sejam expandidos para outras regiões, dada a escassez de pesquisas focadas nesse processo de transição.

Palavras-chave: Transição. Afetividade. Ludicidade. Adolescência.

ABSTRACT

This study analyzes the transition of students from Elementary School I to Elementary School II, focusing on the didactic, pedagogical and psychological dimensions. The research, conducted through questionnaires administered to students, reveals that most students, aged between 11 and 12, face challenges during this transition phase. Among the main difficulties are the decrease in the use of recreational activities (59%) and the lack of affection in relationships with teachers (62%). These aspects negatively impact both school adaptation and the emotional well-being of students. Based on theories by Piaget, Vygotsky and other authors that persist throughout the dissertation, the work highlights the importance of pedagogical practices that promote acceptance, listening and emotional bonding. In addition, it suggests that future studies on the topic should be expanded to other regions, given the scarcity of research focused on this transition process.

Keywords: Transition. Affection. Playfulness. Adolescence.

1 INTRODUÇÃO

A transição dos alunos do ensino fundamental I para o fundamental II é um momento crucial em suas trajetórias educacionais. Esse processo envolve diversas mudanças, como a transição de escola que ocorre com frequência nesse período, colegas que se vão e a chegada de novos, e multiplicidade de professores e disciplinas. Segundo Almeida e Santos (2019), essa fase é marcada por desafios que podem impactar não apenas o desempenho escolar, mas também o desenvolvimento emocional e social dos estudantes.

Os mesmos aqui citados, podem despertar uma série de sentimentos e desafios para os alunos. Além disso, essa fase representa um marco na formação da criança como pessoa; Assim, professores, escola e toda a equipe educacional devem estar preparados para lidar com as dificuldades e inseguranças que surgem nesse período.

Tamanha complexidade se constatará a partir de altas taxas de reprovação e abandono escolar com foco no atual 6º ano. De acordo com Lima (2021), muitos estudantes se sentem despreparados para lidar com as exigências do novo ciclo, o que pode levar à desmotivação e ao fracasso escolar. Dadas as elevadas taxas de reprovação no sexto ano, acreditamos que é necessário examinar mais de perto as possíveis razões pelas quais os alunos falham na escolaridade neste momento e os fatores envolvidos no processo de transição escolar.

Diante desse cenário, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa de campo realizada em escolas públicas do Agreste Paraibano. A pesquisa busca identificar como ocorre esse processo de transição e compreender as dificuldades enfrentadas pelos alunos, além de analisar como eles lidam com essas mudanças e como isso afeta sua formação enquanto indivíduos em fase pré-adolescente. Por meio da aplicação de questionários, espera-se contribuir para uma reflexão mais profunda sobre os desafios enfrentados pelos estudantes nesse momento crucial da vida escolar.

Percebe-se que essa etapa de transição gera aflição tanto para os professores quanto para os alunos, sendo fundamental que os educadores atuem com sabedoria e sensibilidade. É necessário compreender que os alunos ainda estão aprendendo a lidar com novas emoções que estão surgindo e possuem

dificuldades na adaptação, o que requer uma metodologia de ensino eficaz e um ambiente escolar acolhedor.

Através deste estudo, espera-se obter informações sobre a metodologia de ensino utilizada pelos docentes para facilitar a adaptação dos estudantes, investigar o papel da escola nessa transição e compreender como os alunos passam por essa adaptação em sala de aula. Com base nos resultados, poderemos buscar estratégias e sugestões para auxiliar os educandos nesse processo de transição, proporcionando-lhes maior segurança e bem-estar, além de promover um convívio mais harmonioso no ambiente escolar.

No próximo capítulo, será abordada a fundamentação teórica, no qual explora-se os conceitos essenciais relacionados aos desafios da transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II. O foco será no papel da escola nesse processo, analisando como as instituições educacionais podem tanto facilitar quanto dificultar essa adaptação. Também será discutido os impactos psicológicos que essa fase pode ter sobre os alunos, considerando aspectos como ansiedade, autoestima e motivação.

Em seguida, será apresentada a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, detalhando como aconteceu a coleta e análise de dados. Os resultados obtidos serão discutidos de maneira crítica e flexiva, permitindo uma compreensão mais profunda sobre o assunto em discussão. Por fim, as considerações finais sintetizarão os principais achados da pesquisa e suas implicações para a prática educativa, seguidas pelas referências dos textos citados ao longo do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS DA TRANSIÇÃO ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II

Todo o processo de escolarização reúne vários aspectos e diversas particularidades próprias de cada fase, como o ensino infantil, que procura desenvolver no aluno a psicomotricidade e a lateralidade, por exemplo. Nos anos iniciais do ensino fundamental, espera-se que os

alunos consigam desenvolver habilidades de leitura, raciocínio lógico e matemático, noções de espaço e outras habilidades.

No ensino fundamental II não se é diferente, ele também tem suas propriedades distintas das outras fases, e conforme a idade vai se avançando, essa nova fase educacional se torna mais complexa que as outras. Assim, o ensino médio traz suas próprias subjeções igualmente as outras elevando o nível a cada ano, porém a ênfase é tentar compreender um pouco mais sobre esse processo de mudança para os anos finais do ensino fundamental (6° a 9° ano).

Fica evidente que qualquer tipo de mudança gera receio, medo ou até mesmo insegurança. Esses sentimentos são por parte dos discentes na auto cobrança, na imaturidade, e também, na quantidade de informações. Por parte dos docentes, em como organizar seus assuntos, como facilitar esse processo, de que maneira tornar ele mais prazeroso ao aluno e etc. Fusari (1992) ressalta que “A competência docente é, portanto, uma elaboração histórica continuada. Um eterno processo de desenvolvimento[...]” (p.27). Dessa forma, se faz necessário uma boa formação continuada, para que o professor consiga elaborar metodologias que atraiam o aluno.

A partir do sexto ano se modifica a grade curricular, a quantidade de professores e a estrutura de tempo. A relação entre professor e aluno já não é de proximidade em alguns casos e esse pode ser um ponto que causa extrema dificuldade para a adaptação do aluno, o aumento de disciplinas e conteúdos se torna preocupante a eles, e a rotina muda, o estreito tempo para cada disciplina/conteúdo pode modificar nos resultados finais.

Nesse período de transição na educação, a criança também está adentrando a sua adolescência. Vygotsky (1984) ressalta que, “o desenvolvimento é sempre um pré-requisito para o aprendizado.” (P.88. 2007). Isso implica dizer que se a criança está ainda em amadurecimento nessa nova fase, tampouco ela terá foco total no aprendizado, ademais, existe um excesso de acontecimentos acontecendo na vida do discente que o impede de se doar por completo a escola. Então, a partir desses

pontos, buscaremos abordar propostas que possam intervir nesse processo de forma facilitadora.

Para além do já citado, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destaca que a transição entre essas etapas deve ser acompanhada de uma atenção especial às necessidades dos alunos, considerando que eles passam por transformações físicas, emocionais e cognitivas. A BNCC enfatiza a importância de uma formação integral, que respeite as particularidades de cada fase do desenvolvimento humano (BRASIL, 2017).

2.2 ADAPTAÇÃO DE ROTINA, ESPAÇO E DISCIPLINAS

Como já havia sido citado anteriormente, a rotina dos anos finais do Ensino Fundamental é controversa aos anos iniciais, ponto crucial dessa etapa de transição. A partir de agora, novos horários, várias aulas em um só dia de 50 min cada e um sinal sonoro ao fim e começo de cada uma delas. Pode-se entender que esse processo é como uma bagagem muito cheia, é um excesso de informações, onde o peso pode prejudicar, mas se bem distribuído, a criança conseguirá absorver.

Segundo Cunha (2016), é essa transição para os anos finais do ensino fundamental que pode criar expectativas nos alunos, o mesmo, por sua gera toda essa insegurança e dificuldades de aprendizagem devido às mudanças existentes dessa nova fase. Destaca-se ainda que todo esse receio tem a ver com o número de aulas por dia e o tempo destinado a cada disciplina.

Por vezes, o aluno também é transferido para uma nova instituição, o que implica na mudança do espaço físico, regras, normas e culturas. Segundo o psicólogo e educador José Carlos Libâneo (2013), essa nova organização curricular exige que os alunos desenvolvam habilidades de autogerenciamento e organização, fundamentais para o sucesso acadêmico (Libâneo, 2013). Dessa forma, ele é obrigado a seguir esse novo padrão imposto, salas mais cheias, a atenção agora quase nunca é dele e a cobrança se dobra para a entrega de trabalhos e domínio de assunto.

Diretamente relacionado a isso, Cunha (2016) afirma que desenvolver essas tarefas de acordo com datas estipuladas, conseguir organizar elas e

distribuir a seus devidos docentes são obstáculos que maioria dos discentes passam. Mas, a escola deve enxergar o aluno como um ser humano, com desejos, sentimentos e necessidades.

Por isso, “compreender como vivem e pensam as crianças, entender suas culturas, seus modos de ver, de sentir e de agir, e escutar seus gostos ou preferências é uma das formas de poder compreendê-las como grupo humano.” (Barbosa, 2007. P.1066.) Ademais, ele se sentir acolhido e ouvido, pode facilitar esse processo árduo.

Por conseguinte, as crianças que estão passando por esse período, têm uma faixa etária de 11 a 12 anos de idade. Nessa etapa, já se entediam e distraem facilmente. Por isso, aulas monótonas retrocedem mais ainda a aprendizagem que já passa por tantas barreiras para se habituar. Um grande empecilho são as faltas de aulas lúdicas que atraíam o interesse dos discentes, além deles terem que ressignificar seu comportamento para todos os novos hábitos, lidar com o desinteresse e a falta de motivação.

Cunha (2016) afirma que “a motivação tanto para professores, alunos e seus responsáveis faz grande diferença nessa transição de um modo positivo.” (p.18). Por isso se torna essencial garantir o direito da criança e facilitar a aprendizagem para que possamos chegar em resultados benéficos.

Além disso, a adaptação social também é um aspecto importante. Os alunos do Fundamental II começam a formar grupos de amizade mais complexos e a lidar com questões de identidade e pertencimento. Almeida afirma a importância que o apoio emocional e a construção de um ambiente escolar acolhedor tem para que os alunos se sintam seguros durante essa transição (Almeida, 2015).

Para facilitar essa adaptação, é fundamental que a escola pense em propostas de intervenção e integração, visando ajudar os alunos a se familiarizarem com a nova rotina e a se relacionarem com os colegas e professores. Essas iniciativas podem incluir atividades lúdicas, palestras e dinâmicas de grupo que promovem a interação e o fortalecimento de vínculos.

Em virtude disso, é aí que os docentes devem adentrar e permanecer com o lúdico que os alunos já convivem desde a Educação Infantil. Porém, com adaptações aos novos assuntos e disciplinas. Para além disso, A ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos da Criança em 1989 entrando em vigor em

1990, que destaca que é inadmissível que retire das crianças o direito a infância que percorre nesses anos. Para Plácido (2017), a falta de diversão é um dos fatores dificultosos da transição. O brincar forma a criança como cidadãos, e, portanto, deve ser mantido em sala de aula, em quaisquer etapa do ensino fundamental que seja.

A ludicidade é um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente nas fases iniciais da educação. O jogo e as atividades lúdicas são ferramentas que facilitam a aprendizagem, tornando-a mais prazerosa e significativa. Freire (1996) argumenta que a educação deve ser um ato de amor e criatividade, na qual a ludicidade desempenha um papel central. A falta de ludicidade pode ser percebida como uma perda de um aspecto importante da experiência escolar, que é o prazer de aprender.

2.3 PLURIDOCÊNCIA, AFETIVIDADE, FAMÍLIA E SAÚDE MENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO

A unidocência é caracterizada por um único professor que acompanha os alunos em diversas disciplinas, a qual tende a criar um ambiente mais familiar e afetivo. Os alunos desenvolvem vínculos mais fortes com o professor, que se torna uma figura central em seu processo de aprendizagem. Com a pluridocência, que se refere à prática de múltiplos docentes colaborando no processo de ensino-aprendizagem, os alunos passam a ter diferentes professores para cada disciplina, o que pode dificultar a construção de vínculos afetivos.

O aumento de disciplinas que acontecem nesse processo, conseqüentemente gera essa passagem da unidocência para a pluridocência. A partir de agora, o tempo para absorção de conteúdo é menor e algumas disciplinas podem ter um peso maior de dificuldade do que outras, que vai variar de aluno para aluno.

Essa mudança pode levar à sensação de despersonalização do ensino, na qual os alunos sentem que não têm um "porto seguro" em sua nova realidade escolar. Almeida (2015) destaca que a afetividade nas relações educacionais é crucial para o desenvolvimento integral do aluno, e a falta dela pode impactar negativamente a saúde emocional dos estudantes.

Percebe-se que ainda há uma grande dificuldade em encontrar trabalhos dessa fase que se liguem especificamente as disciplinas, mas, os trabalhos encontrados quando se buscam tem maior relevância a disciplina de Matemática. Podemos entender que essa dificuldade seja existente desde o nível passado do Fundamental e não saciada.

Quando se fala de afetividade, no 6º ano algo que influencia e dificulta o processo é justamente a ausência dela. Com a chegada da pluridocência, aumenta a quantidade de professores e os mesmos passam um curto tempo em sala de aula, comparado ao único professor das séries anteriores, onde passavam 4 horas com os mesmos alunos. Com a diminuição de tempo, diminui-se também a proximidade na relação professor e aluno. Andrade (2011) afirma que a afetividade agora não é mais prioridade nessa fase, e o essencial, é que o aluno se desenvolva intelectualmente.

A falta de afetividade e ludicidade pode ter consequências diretas na saúde mental dos alunos. A adolescência é uma fase de transição que já apresenta desafios emocionais significativos, e a escola deve ser um espaço de acolhimento e suporte. Além disso, a falta de um ambiente afetivo e lúdico pode impactar o desempenho escolar.

Alunos que se sentem desmotivados e desconectados tendem a apresentar dificuldades de aprendizagem e menor engajamento nas atividades escolares. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de um ensino que considere as dimensões emocionais e sociais dos alunos, promovendo um ambiente que favoreça o desenvolvimento integral (BRASIL, 2017).

Logo, quando essa proximidade fica escassa, o docente espera do aluno autonomia, mas o discente ainda tem a dependência do professor pela falta de habituação a essa nova fase. É fundamental que as escolas e docentes, busquem estratégias para manter elementos que são essenciais no processo educativo, promovendo um ambiente que favoreça a construção de vínculos afetivos, a ludicidade nas práticas pedagógicas e a adaptação a esse novo modelo de ensino.

A família desempenha um papel crucial na formação do aluno, especialmente em relação à sua saúde mental. A interação entre a escola e a família é fundamental para o desenvolvimento do estudante. De acordo com Almeida (2015), parceria entre escola e família pode contribuir para a construção de um ambiente que favoreça o bem-estar emocional dos alunos.

Quando a família se torna ausente nas tarefas de casa, por acreditar que a criança já tem maturidade o suficiente para realizar as atividades sozinha, essa ausência gera lentidões na produção e na entrega, e os resultados obtidos talvez não sejam os esperados. A integração entre pluridocência, afetividade, família e saúde mental é vital para a formação do aluno.

Todos esses fatores contribuem para evasão escolar, tendo em vista que, nem todos os alunos vivem numa situação regularmente boa, e muitos preferem abandonar ou não tem êxito ao final do ano. Em 2017, a taxa de reprovação e abandono foi de 14,5% no 6º ano, o que corresponde a quase 1,5 milhões de alunos que não se saíram bem (Idados, 2018).

Alguns dos pontos que podemos associar a esses dados são as questões financeiras da família (onde se liga o abandono ao trabalho infantil), a saúde mental da criança, que se sobrecarrega e não consegue dar conta de tantas informações e responsabilidades “sozinhas” e todos os outros pontos que viemos ressaltando ao longo deste trabalho.

Isso implica dizer que o aluno não deve ter nenhuma responsabilidade? Ou que não deve desenvolver sua autonomia? É necessário deixar claro que o problema não é esse, o aluno deve sim promover o desenvolvimento pessoal e de aprendizagem, o que deve ser repensado é a forma como ele passa por tal processo e compreender que cada um tem uma vivência diferente.

Laranjeira (2000) indaga, “considerar a realidade do aluno significa “baixar” a qualidade do ensino? ” (p.95). A qualidade de ensino sempre deve ser mantida ou elevada. O que significa que devemos adaptar o ensino, considerando o local em que ele vive, os familiares que ele tem e toda a bagagem que ele traz consigo.

Ainda, Laranjeira (2000, p.95) continua afirmando que:

Ignorar a realidade do aluno é inviabilizar o seu processo de construção de conhecimento, é, portanto, alijá-lo da conquista do poder que é dado pelo saber. Só é possível que ele saiba mais, a partir do que já sabe, senão, seu pretense conhecimento, sem ter onde se fundar, o fará afundar-se cada vez mais, nas agruras da sua realidade.

Portanto, é de suma importância que se adapte as metodologias a seu alunado visando promover o conhecimento a todos, assim, para que ele evolua ou mude sua realidade. Ademais todas essas indagações são subjetivas a

formação do aluno e também deve ser vista para sua formação pessoal como cidadão, ele que está em construção deve ser sempre analisado e aprimorado.

Esse também pode ser um fator que influi nas taxas de reprovação e abandono, por isso a importância de acompanhar a realidade do aluno, observar seus comportamentos e levar em consideração o que cada um relata. Problemas mentais devem ser tratados de forma adequada para que não tenha consequências mais graves.

Portanto, a pluridocência, quando aliada à afetividade e ao envolvimento da família, pode criar um ambiente escolar mais saudável e propício ao aprendizado. A saúde mental dos alunos deve ser uma prioridade nas práticas educativas, garantindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de se desenvolver plenamente. O docente, a escola e a família, devem trabalhar em conjunto para que o aluno consiga passar por esse processo obtendo bons resultados e sem traumas para o acompanhar ao resto de sua vida.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho utilizou uma abordagem qualitativa. Para Oliveira (2007), esse tipo de pesquisa é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo” (p. 37). Terá foco na análise didática, pedagógica e psicológica da transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II e buscará compreender as percepções de educadores e alunos sobre esse processo, fundamentando-se nas obras de Ana Maria Almeida (2015), Vygotsky (1984, 1998), Paulo Freire (1996), na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) e outros.

3.2 PÚBLICO ALVO

A pesquisa se concentrou em escolas da rede pública do Agreste Paraibano, abordando as experiências de alunos que estão passando por essa transição,

especificamente do 6º ano do Ensino Fundamental II. A amostra foi selecionada por meio de amostragem intencional que tem maior probabilidade de fornecer informações úteis, ademais são alunos que estão passando por tal momento de transição e tem lugar de fala. 39 participantes responderam ao questionário.

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Os dados foram coletados por meio de Questionários: o questionário foi elaborado com perguntas fechadas, abordando aspectos da transição, como expectativas, dificuldades e estratégias de adaptação. Os mesmos foram aplicados de forma presencial, visando aprofundar a compreensão sobre as experiências e percepções relacionadas à transição.

Mediante a apresentação, foi deixado claro que nada do que eles respondessem seria divulgado de forma a expor sua identificação, e que, as respostas fariam parte de uma pesquisa para analisar como esse processo está sendo vivido e o que poderia vir a melhorar a partir da dificuldade deles.

Após, foram entregues as perguntas impressas para toda a sala e levaram cerca de cinco minutos para responderem. Entretanto, se via claro certa confusão para expor seus sentimentos para com aquela situação de transição. Tendo em vista, que são várias mudanças que mexem com o indivíduo de forma geral.

3.4 ANÁLISE DE DADOS

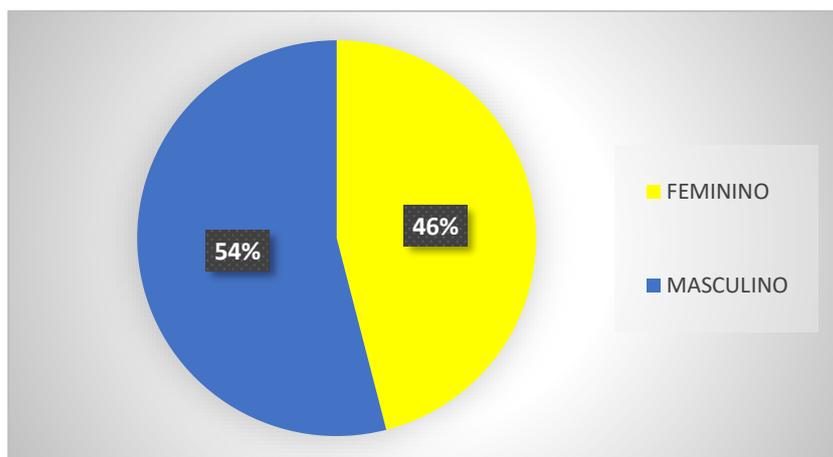
Para alcançar os resultados desejados, utilizou-se o método hipotético-dedutivo. Esse método nos permitirá obter respostas e resultados em relação à problemática presente nas escolas selecionadas para a pesquisa. Conforme afirmado por Oliveira (2007), o método é um procedimento adequado para estudar ou explicar um determinado problema. Portanto, por meio desse método, buscou-se analisar de

forma assertiva os dados coletados, a fim de propor estratégias que facilitem essa fase.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

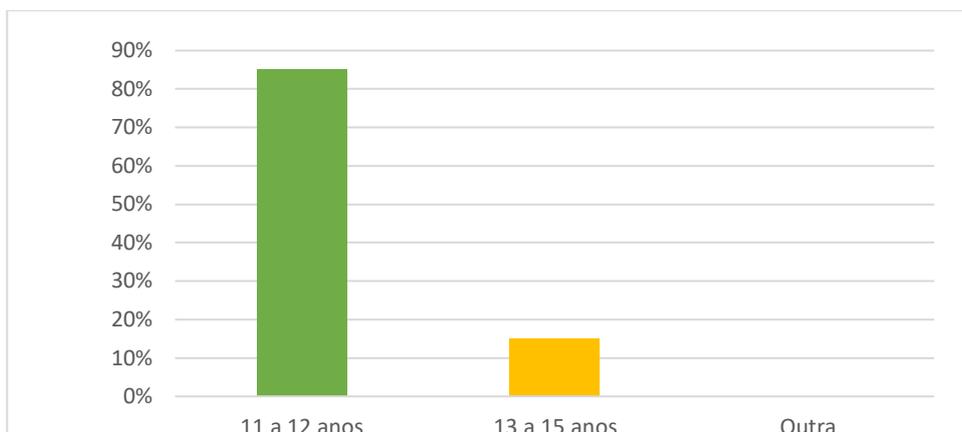
Os questionários foram aplicados aos alunos que estão no 6 ano do ensino fundamental II de escolas públicas do Agreste Paraibano. Ao todo, 39 sujeitos responderam à pesquisa. As três questões iniciais tinham por finalidade coletar dados de identificação e perfil pessoal de cada discente. A leitura e tabulação das respostas permitiram a elaboração de gráficos que facilitam a compreensão e o estudo acerca do tema da transição nessa etapa da educação básica.

Gráfico 1: Gênero



Fonte: Pesquisadora, 2024.

Conforme o Gráfico 1, investigou-se o gênero de cada aluno, a fim de saber o perfil de quem está contribuindo com esta pesquisa. A partir da mesma, constatou-se que 54% do público que participou é do gênero masculino, o que se refere a 21 do total de alunos. Quando direcionado ao gênero feminino, temos um total de 46% do público (18 meninas), que contribuíram respondendo nosso questionário.

Gráfico 2: Idade

Fonte: Pesquisadora, 2024

Ao analisar o Gráfico 2, que apresenta os dados de idade dos adolescentes de 11 a 12 anos no processo de transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, podemos compreender melhor as dinâmicas de escolarização nessa faixa etária. Essa transição é um momento importante na vida escolar, marcado por mudanças acadêmicas, sociais e emocionais. Os dados de idade ajudam a identificar se a maioria dos estudantes realiza essa transição dentro da faixa etária esperada, o que pode refletir a eficiência do sistema educacional em manter o ritmo adequado de progressão escolar.

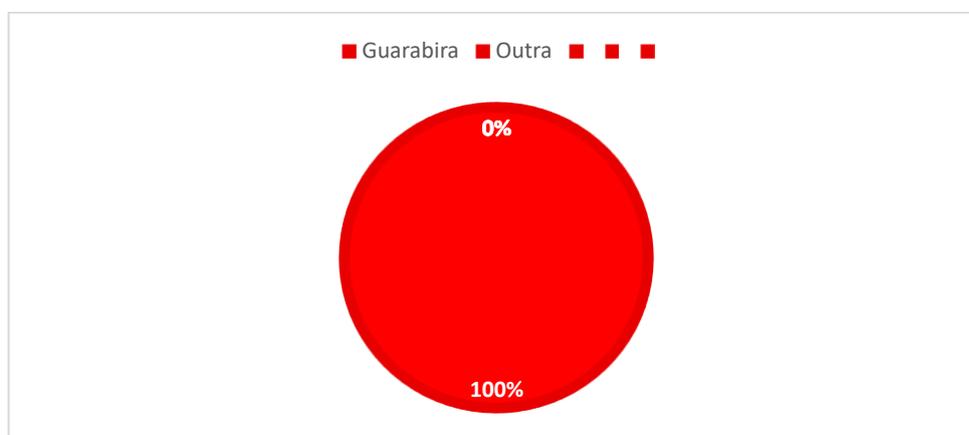
Além disso, é importante considerar que a adolescência é uma fase de intensas mudanças. Segundo Piaget (1972, 1977), a psicologia da criança e a epistemologia genética são fundamentais para compreender o desenvolvimento cognitivo infantil. Nessa fase de 11 a 12 anos, para Piaget (1999) ocorre uma mudança significativa, na qual a criança passa do período concreto para o formal, neste ela desenvolve o pensamento hipotético-dedutivo.

Além disso, Erikson (1968, 1980) destaca a importância da formação da identidade e dos papéis sociais na juventude e na maturidade. Nessa etapa, os adolescentes desenvolvem habilidades de pensamento mais abstrato, raciocínio lógico e autonomia, o que influencia diretamente na forma como aprendem e se adaptam às novas demandas escolares.

A compreensão dessas mudanças é fundamental para entender possíveis variações na idade de transição, como atrasos ou avanços, que podem estar relacionados ao desenvolvimento emocional e às estratégias de aprendizagem adotadas pelos estudantes. Portanto, essa análise é essencial para orientar políticas

educacionais que promovam uma transição mais tranquila e adequada às necessidades dos estudantes, levando em conta as particularidades do desenvolvimento na adolescência e suas implicações na aprendizagem.

Gráfico 3: Cidade



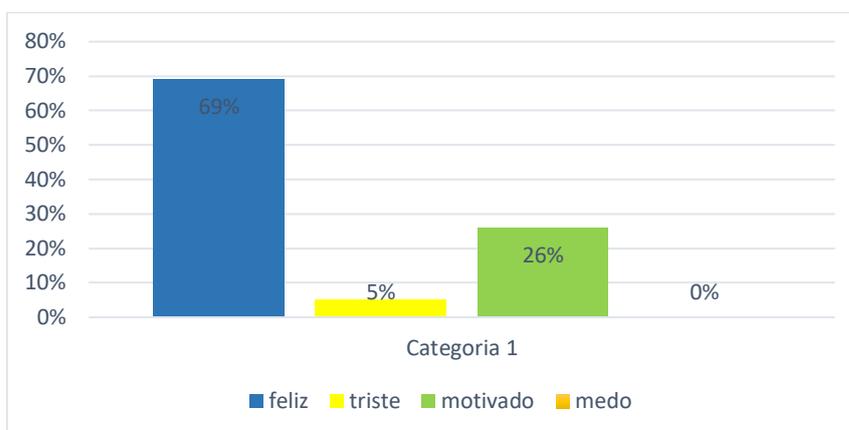
Fonte: Pesquisadora, 2024

De acordo com o Gráfico 3, os resultados mostraram que 100% dos participantes do estudo residiam na mesma cidade, indicando que a amostra era altamente homogênea em termos de localização geográfica. Essa uniformidade facilita a compreensão de outros aspectos do estudo, uma vez que a variável residencial não causou variação nos resultados, permitindo análises mais direcionadas de outros fatores demográficos ou comportamentais.

Segundo Gil (2008, p. 45), “a homogeneidade da amostra pode facilitar a análise de variáveis específicas, mas limita a generalização dos resultados”. Entretanto, essa característica também apresenta limitações importantes, principalmente no que se refere à generalização dos achados.

Como todos os entrevistados pertenciam à mesma cidade, os resultados podem refletir características culturais, sociais ou econômicas específicas da área, dificultando a aplicação dos resultados a populações de outras regiões ou cenários. Conforme Silva (2010, p. 78), “a representatividade da amostra é fundamental para a validade externa de um estudo, e a homogeneidade excessiva pode comprometer essa validade”. Portanto, é importante reconhecer essa limitação ao interpretar esses dados e considerar que estudos futuros podem expandir a amostra para incluir diferentes locais em busca de uma compreensão mais abrangente.

Gráfico 4: Como você se sente com as novas disciplinas e a quantidade de professores que você passou a ter esse ano?



Fonte: Pesquisadora, 2024.

Conforme o Gráfico 4, a maioria dos estudantes, ou seja, 69%, respondeu que se sente feliz com as novas disciplinas e a quantidade de professores que passaram a ter neste ano. Isso indica que a maioria está satisfeita e provavelmente vê as mudanças de forma positiva, o que é um sinal encorajador para o ambiente escolar. Segundo Gil (2008, p. 45), "uma alta porcentagem de respostas positivas reflete uma percepção favorável do contexto estudado", o que sugere que as ações ou mudanças implementadas estão sendo bem recebidas pelos alunos.

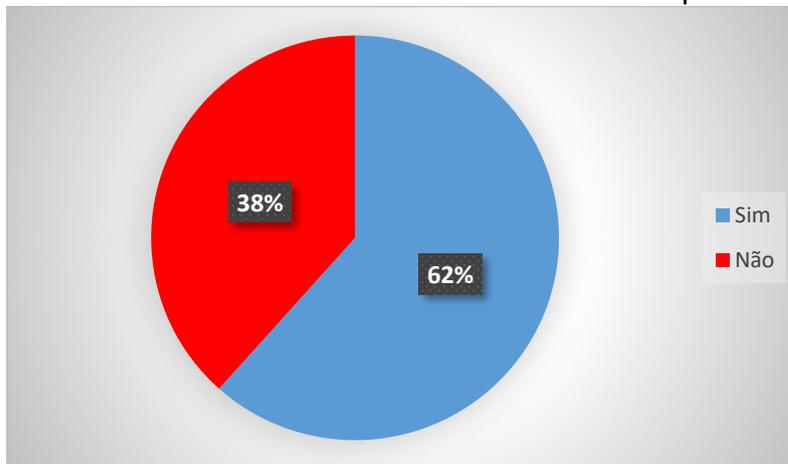
Por outro lado, uma pequena parcela, 5%, ainda se sente triste, o que pode refletir dificuldades ou inseguranças que alguns estudantes estão enfrentando com as mudanças. Já os 26% que se sentem motivados mostram que uma parte significativa está animada e engajada com as novidades, o que é ótimo para o aprendizado.

É importante lembrar que esses sentimentos podem estar relacionados ao fato de que os adolescentes estão passando por uma fase de muitas mudanças, a adolescência, que é marcada por emoções variadas, confusas e muitas vezes contraditórias. Vigotsky (2007) afirma que nesse período a criança constrói sua identidade e passa por diversas mudanças, negativas e positivas, onde ela começa a refletir sobre si mesmo.

Piaget (1994) ressalta que a adolescência é uma fase de transição em que a criança tenta compreender sobre o outro e também sobre si próprio e passa por confusões. Nessa fase, é comum que as respostas sejam um pouco confusas ou

diferentes de um dia para o outro, pois eles estão aprendendo a lidar com novas experiências, responsabilidades e emoções.

Gráfico 5: Falta vínculo afetivo entre você e os professores?



Fonte: Pesquisadora, 2024.

A importância do vínculo afetivo na escola é corroborada por estudos que demonstram que relações positivas entre professores e alunos favorecem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, além de melhorar o clima escolar (Lopes, 2018).

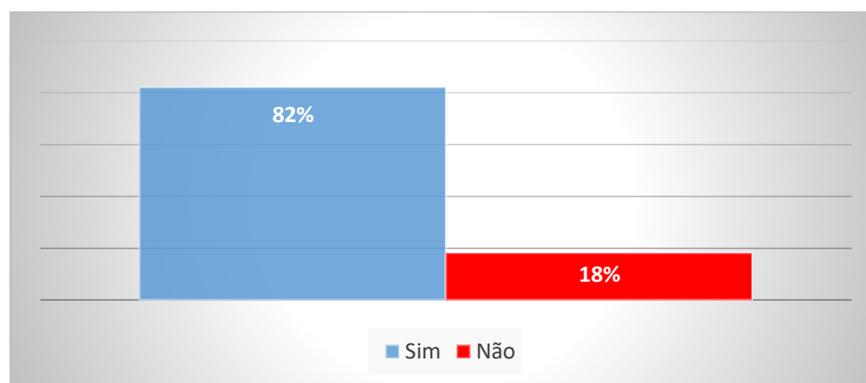
Além disso, uma relação afetiva sólida pode atuar como um fator de proteção contra dificuldades emocionais e comportamentais, especialmente em momentos de transição, que são naturalmente desafiadores. Nesse contexto, o vínculo afetivo entre alunos e professores emerge como um elemento crucial para facilitar essa adaptação e promover um ambiente de aprendizagem mais saudável e acolhedor.

O Gráfico 5 indica que 62% dos alunos do sexto ano, que estão passando por essa transição, percebem uma falta de vínculo afetivo com seus professores. Essa percepção pode impactar negativamente o desempenho escolar. De acordo com Tardif (2014), a relação afetiva entre professores e alunos contribui para a construção de um ambiente de confiança, no qual o estudante se sente valorizado e motivado a aprender. Quando esse vínculo é fraco ou inexistente, o aluno pode sentir-se inseguro, desmotivado e até mesmo alienado no processo de aprendizagem.

Em suma, a percepção de uma significativa parcela de alunos de que há uma falta de vínculo afetivo com seus professores evidencia a necessidade de repensar as

práticas pedagógicas e as políticas escolares. Promover relações afetivas mais próximas e humanas pode transformar o ambiente escolar em um espaço mais acolhedor, contribuindo para o sucesso acadêmico e o bem-estar emocional dos estudantes durante essa fase de transição.

Gráfico 6: Você se sente preparado para essa nova fase da Educação Básica?



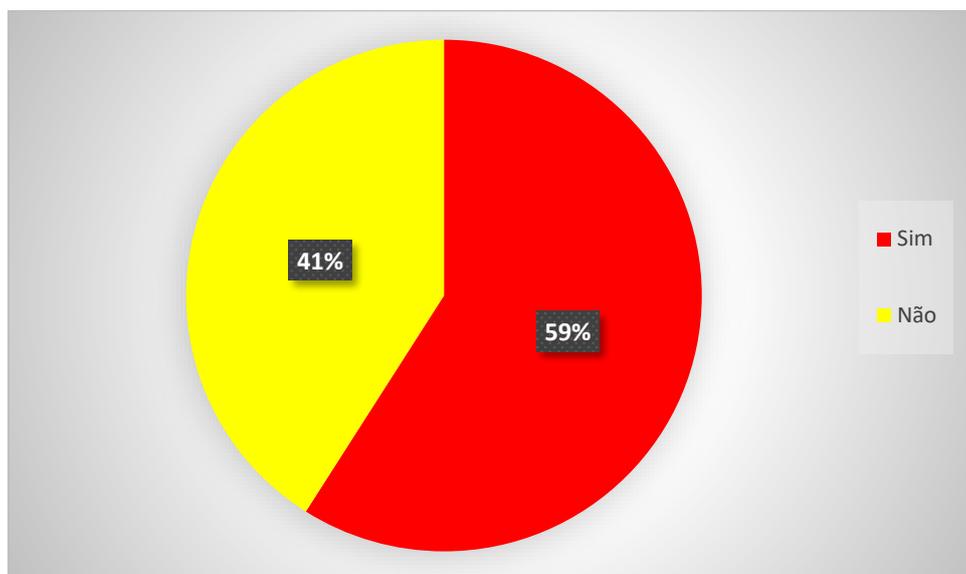
Fonte: Pesquisadora, 2024.

Conforme demonstra o Gráfico 6, quando questionamos aos alunos se eles se sentem preparados para vivenciar essa nova etapa, 82% responderam que sim, tal porcentagem tem uma significância positiva para que essa fase seja encarada de forma leve. Para que assim seja criado um ambiente harmonioso entre todos resultando em dados benéficos sobre o desenvolvimento dos alunos.

Porém, 18% responderam dizendo que não estão preparados para esse novo processo educacional. É importante refletir o que faz os alunos se sentirem dessa forma, ou o que faltou no Fundamental I para que eles se sintam inseguros para a próxima fase.

Esses merecem uma atenção especial. Pode ser que, durante os anos iniciais, tenham faltado estratégias de apoio emocional, vínculos mais sólidos com os professores ou atividades que desenvolvessem a autoconfiança dos alunos. Segundo Tardif (2014), compreender as experiências e percepções dos estudantes é essencial para oferecer intervenções que promovam maior segurança e preparação para os desafios futuros.

Gráfico 7: Essa mudança interferiu no seu processo de aprendizagem?

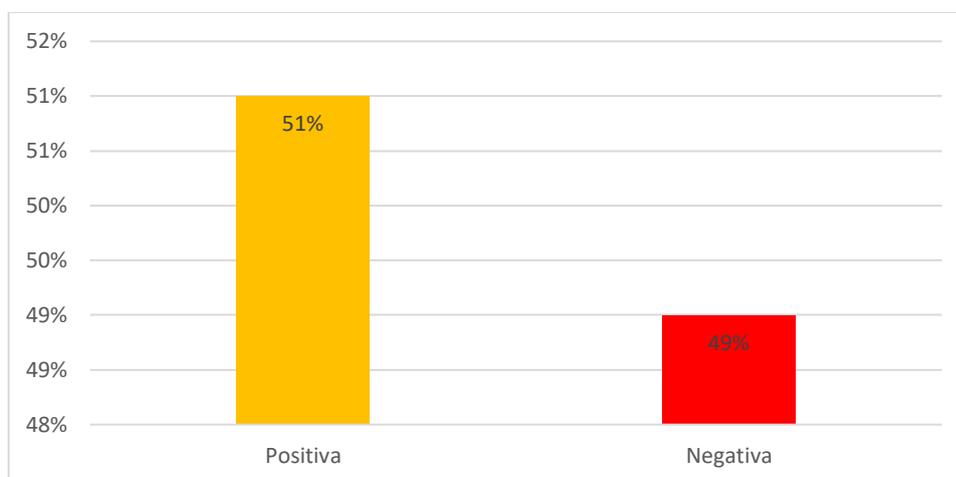


Fonte: pesquisadora, 2024.

O Gráfico 7 revela que 59% dos alunos perceberam que a mudança na fase escolar interferiu no seu processo de aprendizagem. Ela indica que mais da metade dos estudantes sentem que essa transição impactou de alguma forma seu desenvolvimento acadêmico. É importante identificar o que causou essa interferência.

Essa percepção pode estar relacionada a diversos fatores, como adaptações ao novo ambiente, novas expectativas, ou até mesmo dificuldades em consolidar conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental I. A partir do momento que o aluno adentra a essa nova fase, se depara com uma realidade totalmente diferente, uma vez que, ele precisa estar com os conhecimentos já existentes firmados para que não haja confusão.

Segundo Tardif (2014), é importante que as escolas estejam atentas às experiências dos alunos durante essas mudanças, oferecendo suporte pedagógico e emocional para minimizar possíveis impactos negativos. Investir em ações que promovam uma transição mais suave, como orientações, atividades de acolhimento e acompanhamento individualizado, pode ajudar esses estudantes a se adaptarem melhor e a retomarem seu ritmo de aprendizagem com mais confiança.

Gráfico 8: Se houve, positiva ou negativamente?

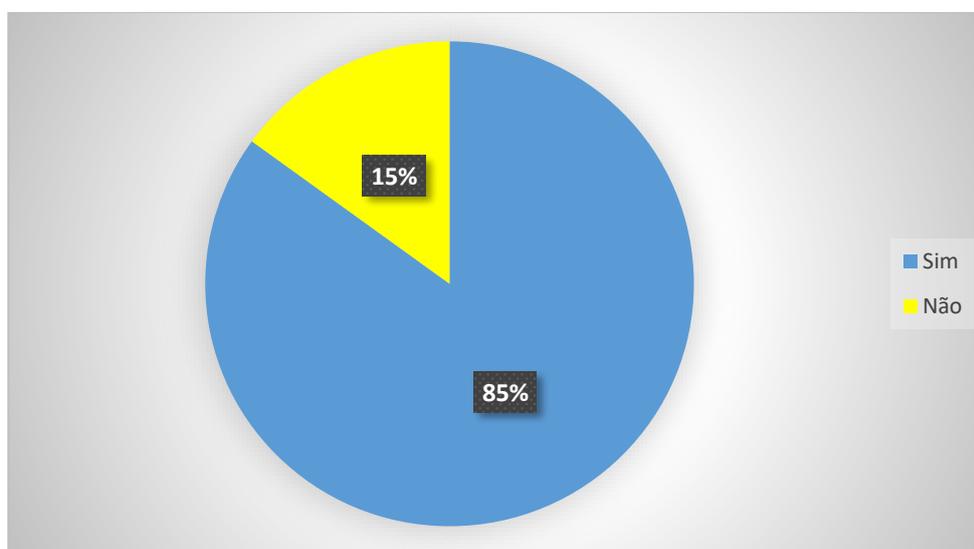
Fonte: Pesquisadora, 2024.

De acordo com o Gráfico 8, a percepção de impacto negativo por quase metade dos estudantes apontam que existem desafios que estão sendo enfrentados. Pesquisas indicam que a mudança de escola, aumento na carga horária, maior autonomia exigida e novas dinâmicas pedagógicas podem gerar ansiedade, insegurança e dificuldades de adaptação (Lima; Oliveira, 2018).

Além disso, a falta de preparação adequada por parte das escolas e a ausência de apoio emocional contribuem para o aumento do estresse entre os alunos (Silva; Santos, 2020). Esses podem ser fatores que influenciaram na resposta dos 49% do total de alunos que sentem que o processo de transição interferiu negativamente no seu processo de aprendizagem.

Por outro lado, 51% dos estudantes perceberam impactos positivos na sua aprendizagem durante esse período. Essa percepção pode estar relacionada às novas oportunidades oferecidas pela mudança ou ao desenvolvimento de uma maior autonomia por parte dos alunos (Silva; Santos, 2020).

Gráfico 9: Você tem apoio familiar para passar por essa nova etapa na sua educação?



Fonte: Pesquisadora, 2024.

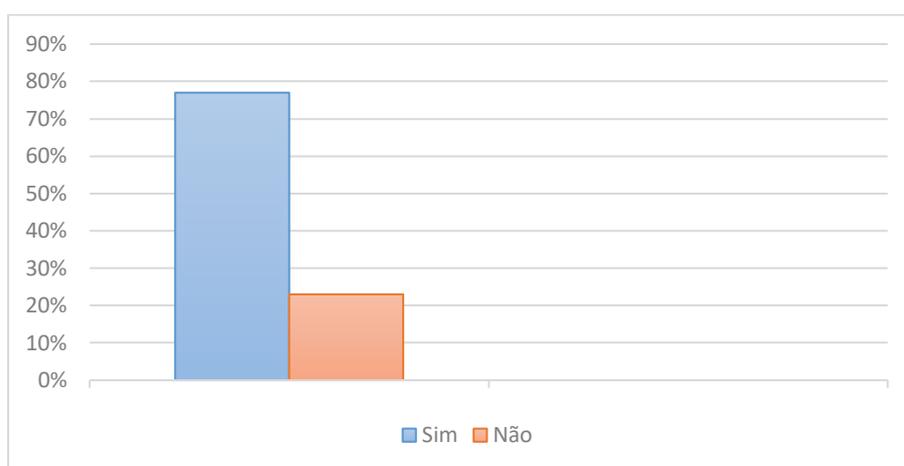
No Gráfico 9, podemos perceber que o apoio familiar desempenha um papel fundamental no processo escolar da criança, influenciando não apenas seu desempenho acadêmico, mas também seu desenvolvimento emocional e social. Segundo Epstein (2001), o envolvimento dos pais na educação dos filhos está diretamente relacionado ao sucesso escolar, pois promove maior motivação, autoestima e persistência diante de dificuldades. Quando a família demonstra interesse pelas atividades escolares, como conversar sobre o que foi aprendido, ajudar nas tarefas ou simplesmente mostrar entusiasmo pelos estudos, a criança se sente valorizada e motivada a se dedicar mais.

Além disso, o apoio familiar ajuda a criar uma rotina estruturada, que é importante para o desenvolvimento de hábitos de estudo e disciplina. De acordo com Vygotsky (1984), o ambiente social e o suporte dos adultos próximos são essenciais para o desenvolvimento das funções cognitivas superiores, como a atenção, a memória e a resolução de problemas. Crianças que têm uma base de apoio sólida tendem a desenvolver maior autoestima, o que as encoraja a enfrentar desafios e a persistir diante de dificuldades (Bandura, 1997).

Na pesquisa, uma porcentagem muito boa respondeu que tem o apoio familiar (85%), isso é de suma importância para o desenvolvimento da criança como aluno e

ser humano. Mas 15% não recebe apoio familiar, o que torna a caminhada do aluno ainda mais árdua, faz-se necessário procurar estratégias afim de proporcionar um melhor relacionamento entre pais e filhos para que haja uma rede de apoio para a criança.

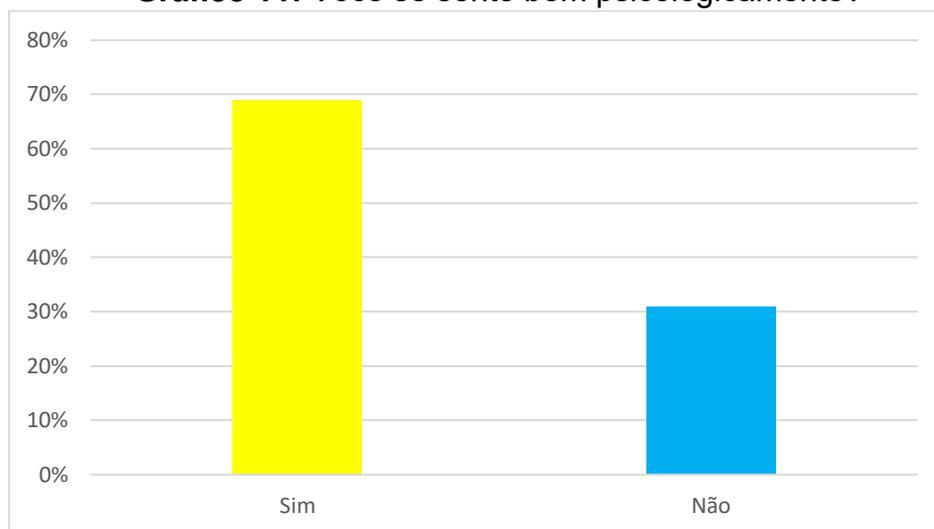
Gráfico 10: É levado em consideração por parte dos professores, família ou quaisquer outros, a fase que você está passando? Isso implica dizer, você está sendo ouvido e acolhido por eles?



Fonte: Pesquisadora, 2024.

A teoria da autoeficácia de Bandura (1997), aponta que a percepção de competência e o sentimento de controle sobre a própria vida influenciam significativamente o comportamento e a adaptação do indivíduo. Quando o aluno é ouvido e acolhido, sua autoeficácia é fortalecida, pois ele percebe que suas emoções e dificuldades são reconhecidas e validadas, o que aumenta sua confiança para enfrentar novos desafios.

Assim os dados do Gráfico 10 reforçam a importância de promover uma cultura de escuta ativa, onde todos se sintam realmente ouvidos e compreendidos. É um sinal positivo que 77% do público da pesquisa é ouvido e acolhido. Quando as pessoas percebem que suas opiniões e emoções são levadas em consideração, isso fortalece o vínculo, aumenta a confiança e contribui para um ambiente mais saudável e colaborativo. É imprescindível que professores e pais repensem sobre suas atitudes, para que os 23% que responderam que não são ouvidos, passem a ser.

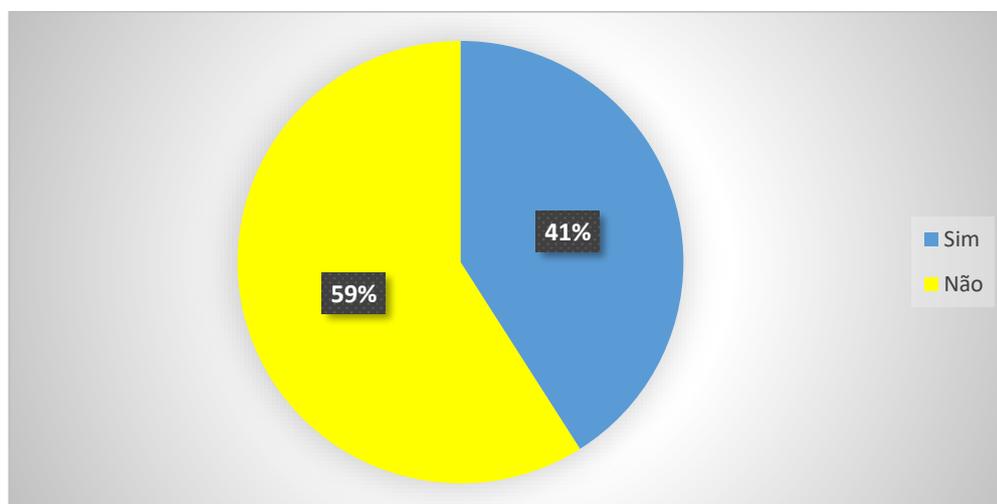
Gráfico 11: Você se sente bem psicologicamente?

Fonte: Pesquisadora, 2024.

A ausência de bem-estar psicológico pode levar ao desenvolvimento de ansiedade, depressão ou outros transtornos emocionais. Essas condições podem dificultar a concentração na escola, afetar o sono e até mesmo prejudicar a saúde física, já que o corpo e a mente estão interligados. Ademais, se esses problemas não forem identificados e tratados cedo, podem impactar a vida adulta, levando a dificuldades na formação de relacionamentos saudáveis, na carreira e na autoestima ao longo do tempo.

Conforme demonstra o Gráfico 11, a parcela de 31% que não se sente bem pode estar relacionada a fatores de risco identificados na literatura, como dificuldades familiares, bullying, problemas escolares ou falta de apoio emocional. A teoria do apego de Bowlby (2004) também reforça que vínculos seguros na infância são essenciais para o bem-estar psicológico. Crianças que enfrentam insegurança ou negligência podem desenvolver dificuldades emocionais, como ansiedade ou baixa autoestima. Os 69% que responderam sim, fazem parte do grupo que tem apoio familiar e conseguiu se adaptar a essa etapa.

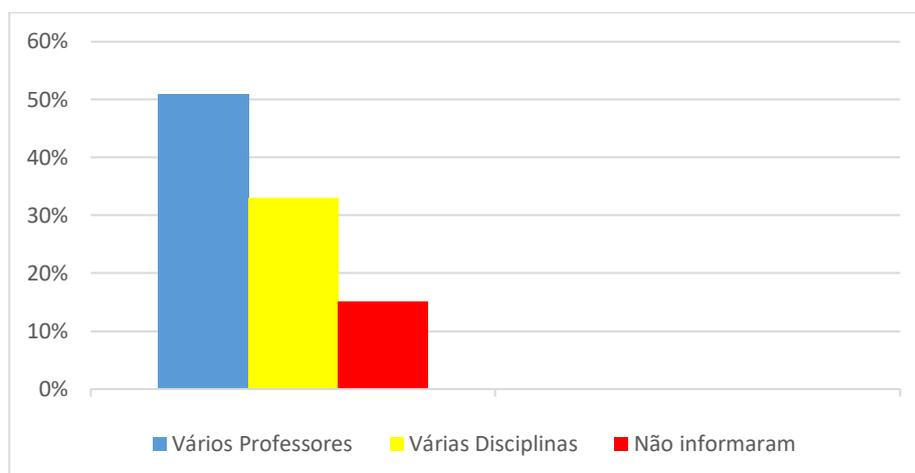
Gráfico 12: As brincadeiras, metodologias e abordagens são as mesmas do fundamental I?



Fonte: Pesquisadora, 2024.

O lúdico é fundamental no Ensino Fundamental II porque torna o processo de aprendizagem mais prazeroso, envolvente e significativo para os estudantes. Quando as atividades são lúdicas, o interesse dos alunos aumenta. Promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais, como cooperação, comunicação e resolução de conflitos, já que motivação e do engajamento, tornando o ambiente escolar mais acolhedor e estimulante.

A porcentagem que o Gráfico 12 apresenta, é preocupante que maioria dos alunos (59%) não veja mais o lúdico com frequência em sala de aula, porque é um direito do aluno como criança propiciar desse momento. Deve-se questionar aos professores, se é falta de recursos, formação continuada ou quaisquer que sejam os empecilhos que estão barrando o lúdico de chegar em sala.

Gráfico 13: Você foi informado sobre as mudanças que ocorreram?

Fonte: Pesquisadora, 2024.

É fundamental que a escola desenvolva um processo de transição que seja planejado, gradual e cuidadoso, permitindo ao aluno conhecer aos poucos a nova dinâmica que encontrará. Trabalhar a autonomia desde o 5º ano, por exemplo, para que o aluno se sinta mais preparado. Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento cognitivo está fortemente relacionado às interações sociais, o que torna essencial promover espaços de diálogo e acolhimento nessa fase de mudanças. Atividades que promovam o acolhimento emocional, como rodas de conversa, dinâmicas sobre sentimentos e visitas às salas e professores do segmento seguinte, ajudam a tornar o novo ambiente menos assustador.

Segundo o Gráfico 13, a presente pesquisa, apontou que apenas 51% dos alunos foram informados que passariam a ter vários professores, 33% souberam que teriam novas disciplinas, enquanto 15% dos estudantes relataram não ter recebido nenhuma informação sobre as mudanças, o que evidencia uma falha na comunicação escolar e a urgência de ações mais efetivas no processo de transição. Esse processo já é, por si só, uma fase sensível, pois coincide com o início da adolescência, período marcado por mudanças cognitivas, sociais e emocionais. Quando esse processo não é mediado adequadamente, o risco de queda no rendimento escolar, conflitos com colegas e professores e desinteresse pelos estudos aumenta consideravelmente.

Além disso, os 15% que não foram informados sobre nenhuma mudança estão em situação ainda mais delicada, pois enfrentam o desconhecido sem nenhum tipo de preparação, o que pode impactar sua autoestima e sua relação com a escola. Como afirma Libâneo (2013), o ensino precisa ser intencional e consciente das

necessidades do aluno em cada etapa, e isso inclui oferecer suporte em momentos de transição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II é um processo marcado por mudanças significativas na rotina escolar, nas relações interpessoais e no desenvolvimento emocional dos alunos, especialmente por ocorrer em uma fase delicada da vida: a pré-adolescência. Este trabalho teve como objetivo analisar, sob as perspectivas didática, pedagógica e psicológica, como essa transição tem sido vivenciada pelos estudantes, a partir de uma pesquisa de campo aplicada a alunos que estão passando por essa etapa.

A análise dos dados revelou aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno. A maioria dos alunos entrevistados, com idades entre 11 e 12 anos, encontra-se na fase da pré-adolescência e relataram uma percepção negativa sobre a transição, destacando a ausência de atividades lúdicas, apontada por 59% dos respondentes, e a falta de afetividade nas relações com os professores, mencionada por 62%.

Esses dados indicam uma ruptura não apenas metodológica, mas também emocional, evidenciando que os alunos se deparam com um ambiente mais rígido e menos acolhedor em comparação com o que vivenciaram no Fundamental I.

Com base nessas observações, é possível concluir que o processo de transição, quando não acompanhado de práticas de acolhimento e estratégias pedagógicas planejadas, pode afetar negativamente o desenvolvimento integral do aluno, tanto do ponto de vista acadêmico quanto psicológico o que implica que a escola precisa ajustar suas práticas às exigências dessa passagem.

O estudo reforça a importância de um olhar mais atento da escola e dos profissionais da educação para essa etapa, valorizando ações que favoreçam a escuta, o vínculo afetivo e a continuidade do processo formativo, respeitando as especificidades da faixa etária em questão.

Como contribuição prática, esta pesquisa, ainda que localizada, abre espaço para que novas investigações sejam realizadas em contextos diversos, ampliando a compreensão sobre o tema em diferentes realidades regionais. Acredita-se que, ao abordar esse recorte específico, o presente estudo oferece subsídios para reflexões futuras e para a construção de estratégias pedagógicas mais humanas e eficientes na passagem entre os ciclos escolares

Entre as limitações encontradas, destaca-se a escassez de trabalhos que tratem especificamente da transição entre o Fundamental I e II sob uma abordagem integrada entre os aspectos didáticos, pedagógicos e psicológicos, o que reforça a relevância do tema e a necessidade de mais estudos aprofundados na área.

Enfim, a transição escolar é um processo que precisa ser planejado, compreendido e acolhido por todos os envolvidos, garantindo que os alunos não apenas avancem academicamente, mas também se desenvolvam como sujeitos integrais, conscientes de si e do seu papel na escola e na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.; SANTOS, M. Transição escolar: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação*, 123-145 (2019).
- Andrade, M. Investigação sobre a transição dos alunos do ensino fundamental I para o ensino fundamental II. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual de Londrina]. . (2011). Acervo digital da UEL.
- BANDURA, A. *Autoeficácia: a exercitação do controle*. São Paulo: W. H. Freeman and Company, 1997.
- BARBOSA, M. C. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1066, out. 2007. Edição especial.
- BOWLBY, John. *A pegada do amor: teoria do apego*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- Cunha, J. M. G. da. Dificuldades enfrentadas pelos alunos na transição do 5º para o 6º ano. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Paraná]. (2016). Acervo digital da UFPR. <https://hdl.handle.net/1884/53321>
- EPSTEIN, J. L. *Parcerias entre escola, família e comunidade: preparando educadores e melhorando as escolas*. Rio de Janeiro: LTC, 2001.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade e difusão de papéis*. In: ERIKSON, Erik H. *Identidade e maturidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FUSARI, José Cerchi. A formação continuada de professores no cotidiano da escola fundamental. *Série Ideias*, v. 12, p. 27, 1992.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SILVA, J. P. da. *Metodologia da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.
- <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2011%20MARIZA%20ANDRADE>.
- LARANJEIRA, Maria Inês. *Da arte de aprender ao ofício de ensinar: Relato, em reflexão, de uma trajetória*. 2. ed. BAURU SP: EDUSC, 2000. 129 p. ISBN 85-86259-98-5.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ALMEIDA, Ana Maria. *Psicologia da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 2015.
- LOPES, Maria Helena. Relações afetivas na escola: impacto no desenvolvimento socioemocional dos estudantes. *Revista Educação & Sociedade*, v. 39, n. 140, p. 123-138, 2018.
- NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. / Maria Marly de Oliveira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos da Criança da ONU. Disponível em:
<<https://www.mpam.mp.br/attachments/article/2251/DECLARA%C3%87%C3%83O%20UNIVERSAL%20DOS%20DIREITOS%20DA%20CRIAN%C3%87A.pdf>>
Acesso em : 04/03/2025

PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. São Pao: Summus, 1999.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SILVA, Carla; SANTOS, Pedro. Estresse e adaptação na mudança de escola: uma análise qualitativa. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, n. 4, p. 567-580, 2020.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos.**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Olá, me chamo Natally Vitória e sou graduanda do curso de Pedagogia pela UEPB- CAMPUS III, aqui de Guarabira. Hoje venho convidar você a colaborar respondendo a esse questionário que contará com perguntas objetivas. O mesmo será adicionado ao meu trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, todas as respostas aqui serão mantidas em sigilo, como também, seu perfil em anonimato. Por fim, agradeço imensamente por sua contribuição com a pesquisa.

A seguir estarão 10 perguntas objetivas com opções para marcar um (X), nenhuma delas tem resposta certa ou errada, você apenas deve se expressar livremente, como se estivéssemos em uma conversa. Cada pergunta deverá ter apenas uma resposta.

Aluna: Natally Vitória Rufino de Souza **Orientador:** Dr. Vital Araújo

Vamos lá! Seu perfil:

Sexo:

- Masculino
 Feminino
 Outro. Qual? _____

Idade:

- Entre 11 a 12 anos
 Entre 13 a 15 anos
 Outra. Qual? _____

Localidade:

Guarabira?

- Sim
 Não
 Outra. Qual? _____

Agora sobre o âmbito escolar.

1. Como você se sente com as novas disciplinas e a quantidades de professores que passou a ter esse ano?
 Feliz
 Triste
 Medo
 Motivado

2. Falta vínculo afetivo entre vocês e os professores?
 Sim
 Não

3. Você se sente preparado para essa nova fase na Educação Básica?
 Sim
 Não

4. Essa mudança interferiu no seu processo de aprendizagem?
 Sim
 Não

5. Se na pergunta anterior você respondeu sim, você acha que interferiu de que maneira?
 Positiva
 Negativa

6. Você tem apoio familiar para passar por essa nova etapa na sua educação?

Sim

Não

7. É levado em consideração por parte dos professores, família ou quaisquer outros, a fase que você está passando? Isso implica dizer, se você está sendo ouvido e acolhido por eles.

Sim

Não

8. Você se sente bem psicologicamente?

Sim

Não

9. As brincadeiras, metodologias e abordagens são as mesmas do Fundamental I?

Sim

Não

10. Você foi informado que haveria essas mudanças na transição do fundamental 1 para o fundamental 2?

vários professores

várias disciplinas

não informaram